

Inuvicta *CINE*

ANO X

Nº. 185



JEANETTE MAC DONALD

**SEMANARIO ILUSTRADO
DE CINEMATOGRAFIA**

PREÇO

50
c^{os}

**R
I
V
O
L
U**

APRESENTA
HOJE

MADY CHRISTIANS

E HANS STUWE EM

A MULHER DE
QUEM SE FALA

alta comédia extraída da
peça do conhecido escritor
francês **Louis Verneuil.**

OLYMPIA ▼

APRESENTA

na próxima semana o
fonofilme da M. G. M.

ESPADA ERRANTE

com o querido artista **Ramon**
Novarro e a atraente **Dorothy**
Jordan.

Raparigas de Uniforme

por FERNANDO BARROS

Escreve-nos uma interessante leitora, perguntando-nos se, além da «Tobis Portuguesa» alguém mais pensa produzir filmes em Portugal.

E' natural, que sim. Antonio Luiz Lopes tem a intenção de dirigir um outro filme, desta vez auxiliado por Maria Helena na realização. E deve haver outros com projectos futuros.

O maior obstáculo, crêmos nós, tem sido a falta dum estúdio em condições de confeccionar filmes sonoros. Ora, logo que o da «Tobis Portuguesa» esteja pronto a trabalhar-se nêle, certamente não deixarão de aparecer vários indivíduos a produzir e que se não confessam enquanto não virem a coisa pronta.

Vocês vão vêr, quando se começar a trabalhar no novo estúdio, como eles aparecem.

Nós ainda temos muitas esperanças no cinema português. O que é preciso é o estúdio pronto.

Pierre Brasseur galá de teatro e de cinema e que os leitores viram a semana passada em «Um Sonho Dourado» ao lado de Lillian Harvey e Henry Garat. foi condenado a catôrze meses de prisão, em consequência dumas questões que teve com alguns transeúntes.

O seu verdadeiro nome é Pierre Albert Espinasse e conta 27 anos.

Rouben Mamoulian que havia algum tempo andava na Europa, regressou a Hollywood, onde vai trabalhar no «cenário» e «découpage» do seu próximo filme «R. U. R.» que terá como intérpretes Silvia Sidney e Frederick March.

Brevemente teremos «Ama-me esta noite» do notável director de «Ruas da Cidade» e de «O Médico e o Monstro».

Gina Manès vai trabalhar em «La voie sans disque» sob a direcção de Léon Poirier.

Os exteriores serão tomados na Abissínia.

André Roanne e Colette Darfeuil trabalham em «Colette et son mari» cuja acção se desenrola num cabaret dos Campos Elysios, no Bosque de Bolonha e numa estrada.

Nada de filmagens em estúdio.

Fala-se na vinda a França de Carl Laemmle, presidente da Universal.

Raquel Meller voltou a interpretar o principal papel de «Violetas Imperiais» na nova versão sonora e falada.

Jean Harlow viuva de Paul Bern, volta, ao contrário do que diziam, a trabalhar.

O seu novo filme será «Red Dust» onde aparecem também Clark Gable, Mary Astor, Tully Marshall e Donald Grid.

Esta interpretação deve ser bastante pesada para a graciosa viuvinha se, atender-se a que foi o seu falecido marido que lhe escolheu o papel,—um papel alegre, cheio de insolência e de audácia.

O contraste da actual disposição de Jean Harlow. Ironia do destino...

Mary Pickford deseja, para o seu próximo filme «Shantytown», James Cagney que se está tornando muito popular. O assunto do filme foi escrito especialmente para a rainha do cinema por Frances Marion autora célebre no cinema. Mary escolheu-o porque acha o jovem actor o tipo perfeito e adaptavel a um dos caracteres de «Shantytown».

Raparigas de Uniforme é em cinema —infelizmente—uma coisa excepcional, como o são os filmes de Pasbt, de Chaplin, de Clair e de poucos mais.

Não falando no cinema russo—o único que tem a preocupação constante de aliar a beleza pictória, a perfeição técnica á defesa duma tese ou á exposição duma idea—os filmes que estamos habituados a vêr, lembram um livro que pôde estar muito bem escrito, numa linguagem vigorosa e bela ou em ritmos suaves de poesia, mas que se limitam a contar-nos uma historiêta banal e imbecil, pondo constantemente de parte a agitação duma idea ou a exposição de qualquer tese.

Em *Nuestro Cinema*—revista espanhola editada em Paris sob a direcção de Juan Pi-queras e que é das melhores publicações cinematográficas que conheço—esc eve com imensa verdade Castelhon Diaz: *Cualquiera que, desconocedor de la presente situacion política y social de nuestro mundo, pudiese ver uno de los filmes que la industria yanqui o alemana se encarga de presentar-nos cada temporada, creeria razoavblemente que la situacion de Europa, de América, no puede ser ni más prosperá ni más clara.*

Como vêem, esta afirmação tem absoluta razão de sér.

No écran, por via de regra vêemos apenas as perinécias por que dois jovens passaram para conseguirem casar-se; ou Maurice dizer-nos, com uma piscadela de olho: *ho! cette Mitzil!*; ou Mojica—uma das piores aquisições que o cinema tem feito—chamar o cavallo com uma canção; ou Bouboul armar escândalos na alta sociedade.

De longe a longe alguém de talento—um Vidor, um Stroheim, um Sternberg—tenta transplan ar para a tela um drama mais violento, um choque mais forte de sentimentos, a exposição duma questão social, e eis que os produtores e censores lhe caem em cima, impo-ndo a sua vontade soberana, submtendo-o ao seu comercialismo, transformando alguns filmes que poderiam sér valiosíssimos e produtivos em idiotices que consigam distrair, durante duas ou três horas, os sentidos daquêles que possuem um cérebro refractário a funcionar—exactamente porque não está habituado a isso—e que constituem a grande massa de público, base primeira da produção cinematográfica.

Raparigas de Uniforme é, como disse, um filme verdadeiramente excepcional.

Focando a vida num internato feminino, não só nos mostra as desastrosas consequências que uma educação irracionalmente rígida pode provocar, como constitue um formidável libelo acusatório contra essa educação.

Na adolescência, quando as raparigas, sêres sensíveis por excelência, mais precisam de ser conduzidas e educadas com intelligência e brandura, quando os seus corações necessitam dum affecto, duma amizade, vêm-se apenas coagidas por uma palavra rígida, despótica, invibrátil, uma palavra que as domina, as sufoca, as torna mais em máquinas do que em sêres humanos que pensam e que sentem: disciplina, DISCIPLINA!

Há uma mais exaltada, que num dia de festa, um pouco ébria de *punch*, grita publicamente o seu grande affecto por uma das mestras, a única que comprehendia as jovens educandas e lhes dispensava um pouco de carinho.

Escândalo! A aluna é proibida de falar seja com quem fôr, até mesmo com a professora que ela adora!

Dum temperamento exaltado, ella tenta suicidar-se, o que é evitado pelas outras raparigas. E a directora, vexada, acabrunhada, vê quão irracional e estúpida tinha sido a sua orientação até êsse momento, orientação submetida unicamente a uma idea inflexível: disciplina, DISCIPLINA.

Um filme escandaloso? De forma alguma; um filme sinceramente forte, um filme que é um pedaço de vida, mas da vida *como ella é*. De resto, o tema, que muitos considerarão escabroso—quasi todos os aspectos reais da vida não serão, segundo essa maneira de vêr, escabrosos?—está tratado com uma tal delicadeza, com uma elevação e com uma sensibilidade verdadeiramente superiores.

Ao realizar êste filme, não houve um intuito menos honesto, não houve a intenção de pelo escandaloso ou pelo inédito, chamar multidões ás bilheteiras, mas simplesmente a preocupação de produzir uma obra de arte, que é ao mesmo tempo uma obra violenta, que irritará certa moral burguesa e retrógada, mas que entusiasmará todos aqueles que colocam bem alto a verdade e se interessam por um certo número de ideas nobres que carecem de immediata realização.

Não houve a preocupação duma técnica arrojada do ângulo esquisito, de *épater*. A vida é-nos apresentada objectivamente, um pouco á maneira de Pabst. Assistimos ao desenrolar das cenas no écran, como se cada um de nós fôsse uma educanda, que *sur place* assistisse aos acontecimentos. O filme principia com alguns breves quadros simbólicos: estátuas, um esquadro que passa ao longe, um toque militar que se ouve.

Logo em seguida um grupo de raparigas em formatura marchando na cerca do internato. E depois são todas essas cenas admiráveis de observação em que presenciámos a vida das raparigas em uniforme, sem qualquer sorte de carinho, submetidas ao duro regulamento, á inflexível disciplina.

A nova internada entra. E' conduzida á rouparia. Privam-na do seu vestido: é do regulamento. Magoam-na, puxando os cabelos bem para traz: é do regulamento. Dão-lhe um uniforme usado, o que fere a sua sensibilidade: é do regulamento.

E aquella vida horrível começa, mecânicamente militarizada, num crescendo de sofrimento que conduz ao final violentamente dramático e humano, que nos deixa amarfanhados, exaustos.

(Conclui na página «Os filmes que nós vimos».)

A ARTISTA PORTUGUESA BEATRIZ COSTA

Fala a um redactor da "Invicta-Cine,,

Crise de abundância—Uma saudação—

A Popularidade de Beatriz — Teodoro,

não vás ao sonoro!

Conheço ha muito a paixão mór-bida do «assíduo leitor» pelo mistério que envolve aqueles que passam a vida a escrever nas gazetas, a enegrecer folhas e folhas de papel, a fazer grandes reportagens repletas de *frisson*, ou entrevistas íntimas com artistas célebres, desejando todos— todos, sem excepção!—colocar-se no lugar do jornalista, andar como êle enrodilhado em pistas para descobrir um presumível delinquente, ir a ceias ruidosas com famosas «estrelas» ou simplesmente avistar-se com a gentil Beatriz Costa, para uma «entrevista» banal, mas sempre agradável...

Eu já o sei, já conheço bem. Por isso não me admirei com o que o Lino me veio dizer, em segredo, não fossem *êles* ouvir.

— Sabe? Para fazerem a entrevista que você está aí a escrever, com a Beatriz Costa, ofereceram-se, nada mais, nada menos, de seis pessoas! E' claro que recusei.

Uma crise de abundância. Seis entrevistadores para uma só artista, uma artista de tam pequeno tamanho, nacozinho de carne minúsculo, talvez a mais «baixinha» artista do cinema português.

Sintoma simpático, no entanto.

Nunca em Potrugal, na nossa revista, por exemplo, apareceram tantos leitores a quererem escrever uma entrevista. E' claro que a provocação

do entusiasmo foi a Beatrizinha, só a Beatrizinha, a gentil «ingénua» da «Minha noite de núpcias», que a Paramount fez em Paris e que tantos sucessos obteve.

* * *

Beatriz Costa, a deliciosa actriz que é sem favor a primeira artista «ingénua» do cinema nacional, não nos concedeu a entrevista vulgar, género Celebridade, que estamos habituados a fazer. Nada disso. Beatriz Costa foi tomar café connosco na «Brazileira» como uma bôa camarada que deseja dois dedos de bôa palestra. Depois, principiando por saudar os leitores de «Invicta-Cine» e todos os cinéfilos do norte de Portugal por intermédio da nossa revista, fez declarações de pura cinéfila, falou no seu filme, na interpretação dos seus camaradss — no Alberto Reis, no Estevão Amarante, no saudoso Frois—no «Burrié» que tanto successo obteve em todo o país e no «Cochicho», que anda na bôca do povo, nas romarias, por essas ruas fóra.

Em seguida, no seu camarim do

Teatro Sá da Bandeira, assinou meia dúzia de fotos, satisfazendo outros tantos pedidos de admiradores do norte. A Beatriz Costa é hoje a artista portuguesa que mais pedidos de fotografias recebe. A nenhum falta, a nenhum deixa de mandar. Ao traçar as dedicatórias tem sempre um sorriso, um magnifico sorriso de ternura. Gosta, sente que gosta dos seus admiradores, mesmo daqueles que não conhece—o maior número, é claro— mesmo daqueles de longe que nunca poderá conhecer.

Saímos depois. O Antonio Martins, na Avenida das Nações Aliadas, junto aos malfadados «meninos», faz vários *clichés*. Em roda, uma multidão de curiosos, olhando-nos. Beatriz Costa conhece o povo e o povo conhece a bem, admira-a, aplaude-a. Por isso a segue para toda a parte, comenta o seu vestir, canta os seus *refrains*.

Beatriz Costa deu a «volta dos tristes», conversando sempre, numa garrulice de petiza mimada, garota. Como não conhece o Porto, de quando em quando fazia-nos perguntas que por vezes nos deixavam *afritos* na resposta—tal qual como os pequeninos com a sua encantadora curiosidade.

A' porta do Grande Hotel do Porto despedimo-nos. Beatriz Costa lembra ainda a sua saudação:

—Não esqueça?! Encarrego-o de por intermédio da «Invicta Cine», em meu nome, saudar os cinéfilos portugueses e todos os seus leitores. Sim?...

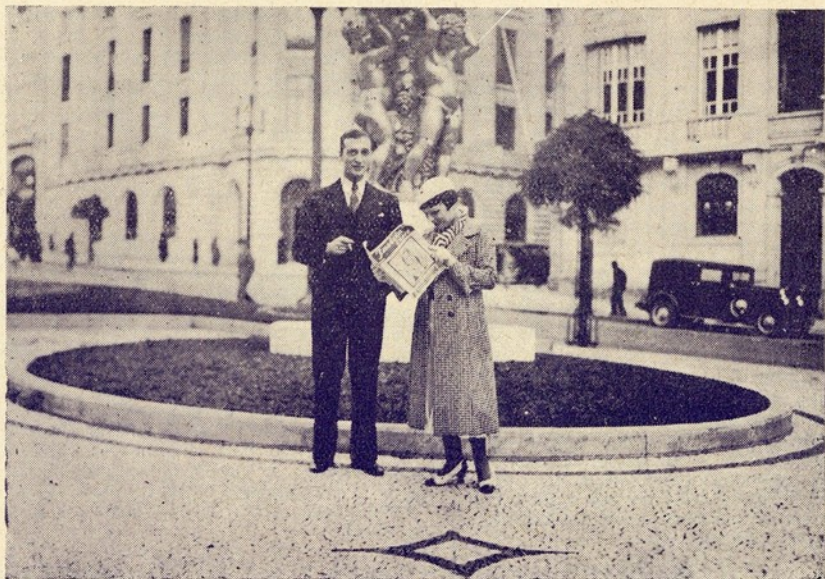
Prometemos quási solenemente. Com que prazer o fizemos!... Bem sabemos o prazer que isso dará a todos quantos nos costumam lêr, a todos quantos apreciam a encantadora Beatriz—mesmo quando ao lado de Alberto Reis canta, no «Mexilhão»:

—Teodoro, não vás ao sonoro!...

EMILIO LOUBET.

Beatriz Costa posando
ao lado do nosso
presado cama-
rada Emilio
Loubet para a
«Invicta-Cine».

(Foto A. Martins)



Jornal H. da Costa

O CINEMA E O SPORT

“RIVALS DA PISTA,”



Jean Mercanton (Gustl), Pierre Labry (Wagmuller) e Albert Préjean (Streblov), numa cena do filme desportivo «Rivals da Pista», que a Censura Alemã classificou como filme de arte, e que vamos vêr, no Porto, brevemente.

O Cinema e o Sport!... Não terão a mesma idade, mas são dois campeões que, lado a lado, conquistaram o favor popular.

Os industriais do filme sabem perfeitamente que a combinação do elemento desportivo e do elemento cinematográfico é uma receita de êxito segura.

Rivals da pista é um filme desportivo. A vida pitoresca dos ciclistas profissionais, as suas esperanças, as suas batotas, são focadas com muito espírito e com mãos de mestre.

O filme tem todas as qualidades cinematográficas que podem exigir-se. Lindas imagens, vivacidade, movimento. Nada de teatro! Cinema 100 por cento.

O argumento, muito simples, muito humano, interessa todos os públicos. A acção decorre em Berlim.

Willy Streblov, filho duma pasteleira falida tornou-se corredor ciclista e sonha conquistar o título de campeão na próxima prova de fundo.

Namora a filha dum modesto fabricante de bicicletas. Mas, como é pobre, não encontra da parte do futuro sógro senão dificuldades. Não consente no casamento, nem lhe fia as duas rodas de sobrecedente de que precisa.

Por outro lado a filha dum grande fabricante de velocípedes, Gina Stern, interessa-se pelo nosso homem, e quer contratá-lo como corredor da-fábrica do pai.

O aspirante a campeão hesita, embaraçado ..

Vai realizar-se a corrida. O manager dum dos concorrentes conseguiu comprar todos os adversários, incluindo Willy Streblov.

Mas, nas últimas voltas, animado pela traição dum terceiro, consegue chegar em primeiro lugar.

E, como é de justiça, logo se acabam as dificuldades. Casa—e é feliz.

A grande atracção do filme é uma espantosa corrida atrás de motocicletas, filmada de forma maravilhosa. A crítica estrangeira chegou a compará-la, no seu plano, com a corrida de quadriças de *Ben-Hur*.

E, para quem vir e não fôr insensível á viva emoção dos grandes espectáculos desportivos, a comparação não parecerá, de nenhum modo exagerada.

Serge de Poligny, o realizador, demonstrou as mais altas qualidades de cinegrafista. O diálogo, a música e as canções são outros tantos elementos de agrado garantido.

A interpretação reúne os melhores nomes do cinema francês: Albert Préjean, a grande vedeta popular que há tanto tempo não aparece em *écrans* portugueses, Madeleine Guitty, a admirável característica, Drian, fonte inextotável de gargalhadas, Jim Gérald, o extraordinário actor, Suzet Mair, Jeannette Fernay, Georges Colin, Pierre Labry, Fernand Fabre.

Um grande filme, que vai alcançar um êxito retumbante.

Raparigas de Uniforme

Depois de Lisboa, onde teve um acolhimento entusiástico, conservando-se durante duas semanas no cartaz do São Luis, a capital do Norte vai ter ocasião de admirar a formidável obra-prima de Leontine Sagan, *Madchen in Uniform*. Esse filme, que é exibido em Portugal sem o mais pequeno corte, tal e qual passou nas telas do estrangeiro, vem precedido dum cortejo de aplausos e de elogios. Nada mais prejudicial para um filme inconsistente que uma exagerada expectativa. *Raparigas de Uniforme*, porém, resiste a todos os encômios. Não há palavras capazes de exprimir a profunda emoção que êle desperta, de principio ao fim, quer pelo seu argumento humaníssimo, onde a ternura se opõe á disciplina, no choque violento de duas educações, quer pela sua realização impecável, em suavíssimas imagens, quer pela classe da sua interpretação.

O problema que propõe — por uma vez, um filme propõe inteligentemente um problema sem basólias de tese, simplesmente, mas em profundidade! — é dos mais palpantes como devem guiar-se, na vida, os primeiros passos da mulher? Qual o verdadeiro caminho a traçar em frente de seres sensíveis, para quem a vida é ainda um mistério, mas que, de repente, pode deixar de o ser?

Leontine Sagan encontrou na peça de Christa Winsloe *le mot de l'énigme*, a palavra que satisfaz a esfinge .. As mulheres de hoje gostarão de ouvi-la, proferida pela boca de Dorothea Wieck, a actriz que é tóda coração, e de Hertha Thiële, a sensível intérprete da iluminada Manoela de Meinhardis.

O Porto deve preparar-se para a maravilhosa iniciação que *Raparigas de Uniforme*, desempenhado unicamente por mulheres, terá propagado em tóda a parte.

CARTAZ

Filmes da AGENCIA CINEMATOGRAFICA H. DA COSTA, L.da,
a exhib brevemente

No Porto:

Estupefacientes

no dia 12, no SÃO JOÃO

Mandrágora

no dia 13, no TRINDADE

Em Lisboa:

Rivals da Pista

no dia 12, no TIVOLI

A Leste da Ilha de Borneo

no dia 13, no SÃO LUIZ

OS IRMÃOS KARAMAZOFF

no dia 12, no CENTRAL



Liliana Werner (Danièle Parola), torna-se uma grande actriz. "A Bela Helena" era o seu grande triunfo.

Vamos finalmente vêr um grande filme internacional cuja acção decorre, em grande parte, no nosso país! *Estupefacientes*, super-produção de Bruno Duday para a U. F. A., dirigido por Kurt Geron, trouxe a Portugal, a bordo do «General Osório», uma numerosa *troupe* de artistas, operadores, engenheiros de som, etc. Tratava-se de dar às últimas cenas o ambiente próprio, uma vez que a rubrica as localizava em Lisboa. E, como é do conhecimento dos nossos leitores, durante doze dias foi uma azáfama constante nas ruas da capital onde a *troupe* assentava arraiais, com o seu grande camion, as suas máquinas e os seus projectores.

Línguas viperinas, daquelas que costumam armar em bem informadas—demasiadamente bem informadas!—fizeram constar que o argumento de *Estupefacientes*, título invocador de sórdidas traficâncias, era desfavorável ao nosso país, salientando as facilidades com que os contrabandistas podiam actuar em Portugal.

Ora dá-se precisamente o contrário! A quadrilha, que consegue ludibriar as autoridades alemãs e francêsas, cai nas mãos da polícia portuguesa, *au complet*, com chefe, acólitos e tudo!

Cúmulo da gentileza! O realizador promoveu o Tejo, onde só poisam os aviões do Bom-Sucesso, a grande aeroporto intercontinental,

...mas caíra nas mãos duma temível quadrilha de traficantes de morfina. "O Corcunda", (Peter Lorre), era a alma danada de Miguel Merton, o chefe.



ESTUPEFACIENTES

burgo, chamado Gordon (Jean Worms). Gordon fica-lhe extremamente grato, e assegura-lhe que, em qualquer circunstância, pode contar com um amigo.

A irmã do explorador, Liliana (Danièle Parola), tornou-se uma grande actriz. Mas caiu nas garras duma quadrilha de traficantes de estupefacientes, que fizeram dela uma morfinómana inveterada.

Henrique, o explorador, declara uma guerra sem quartel aos que arruinaram a vida de sua irmã. As primeiras pessoas sobre quem recaem as suas suspeitas são o empregário Urusseff (Raoul Aslan) e uma companheira de teatro, Dora Lind (Monique Rolland). A pouco e pouco, convence-se de que o corcunda que conhecera a bordo também não é estranho ao terrível sucesso.

Liliana desaparece da casa de saúde onde a internaram no dia em que deveria partir em *Tournée*. Henrique é pôsto fóra de combate e Liliana segue para Paris. O irmão consegue evadir-se e vai também. A sua presença em Paris estabelece a confusão nas linhas inimigas. Liliana é sequestrada em casa do Marquês d'Esquillon (Roger Karl). Mas o irmão encontra-lhe a pista e salva-a. Urusseff segue com a companhia para Lisboa. O corcunda precede-o, assim como o misterioso chefe dos traficantes, que é conhecido sob o nome de Miguel Merton.

Henrique também vai a Lisboa, dispôsto a liquidar de vez com a quadrilha. E consegue-o, ajudado

pela polícia portuguesa, encontrando em Dora Lind a companheira que sonhara para a sua vida.

A U. F. A. confiou a realização deste tema a dois dos seus colaboradores mais experimentados: Bruno Duday, director da produção, e Kurt Geron, encenador. A fotografia é do maior dos mestres-operadores: Carl Hoffmann, que também esteve em Lisboa, mostrando-se encantado com o acolhimento que lhe foi feito pelos seus colegas lisboetas.

Os artistas são quasi todos conhecidos do nosso público.

Jean Murat, que tem com o nosso país antigos laços de amizade, pois foi em Portugal que ele representou o seu primeiro papel importante, na «Fonte dos Amores», incarna Henrique Werner com a energia e o talento habitual.

Danièle Parola, a sensível protagonista dos «Amores da Meia Noite», tem em «Estupefacientes» a sua primeira criação para a Ufa. O seu papel é difficilimo, e proporciona-lhe a ocasião de aparecer sob o lindo traço de Helena de Tróia. Vê-la-emos ainda em «I. F. 1 não responde», ao lado de Murat e de Charles Boyer.

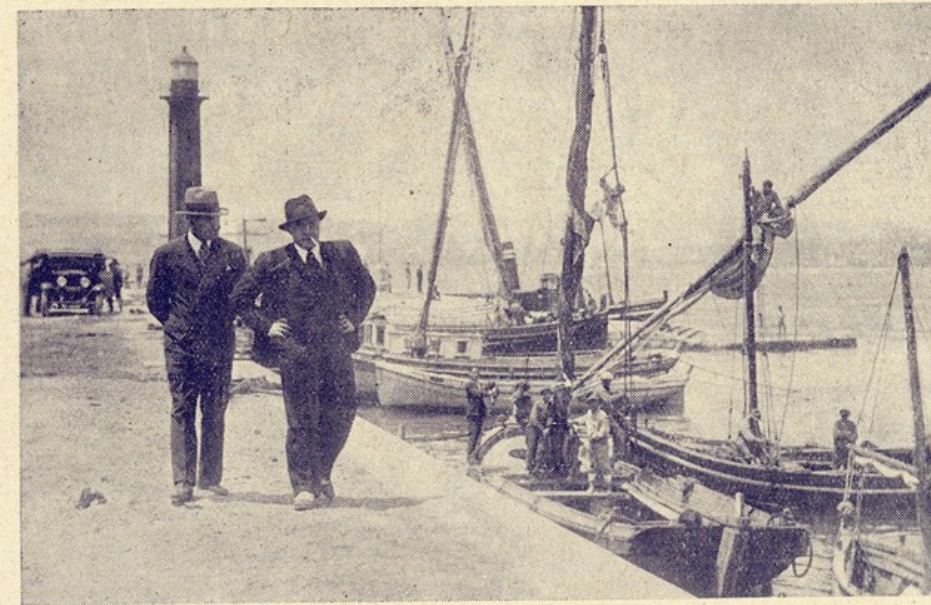
Monique Rolland, uma desconhecida, revela as mais apreciáveis qualidades de actriz. Jean Worms é o bom actor de sempre, tal como Reger Kar, Lucien Callamand, Raoul Aslan e o pequeno Jean Mercanton.

Peter Lorre, o formidável intérprete de «Matou!», tem no «Corcunda» de «Estupefacientes» outra espantosa criação. A sua simpatia pessoal, verificada em alguns dias de convívio, torna ainda mais apreciável o seu trabalho de artista consciencioso.

Nascimento Fernandess, o admirável actor cómico, gloria dos nossos palcos, foi contratado especialmente pela Ufa para interpretar o papel dum barbeiro que também faz parte da quadrilha. A pesar de curto, como quasi todos os de «Estupefacientes», o seu papel deus enjeo de apreciar as suas faculdades mímicas e até de dição para o microfone, embora manejando uma língua que não é a dele.

Pelo conjunto de elementos da mais diversa ordem—acção movimentada, variedade e verdade dos ambientes, excelente interpretação, consciente e moderna realização, constante interesse—«Estupefacientes» vai constituir certamente um dos grandes êxitos cinematográficos desta temporada.

Mais um triunfo para os activos da Agência H. da Costa.



Imagens do super fonofilm da Ufa «Estupefacientes».

PELOS CINEMAS DO PORTO

S. João Cine—Os Irmãos Karamazoff.

Comecarei por vos confessar que, desde a abertura da nova época, foi este o filme que mais me entusiasmou. E porquê?

Pela sua factura tão excelente, tão harmónica, onde se notam os nervos e o sentido agudo duma estética cinematográfica gerada numa fusão de meios expressivos russos e alemães.

Fedor Ozep, o seu director, criou imagens duma beleza incomparável, imagens que não têm simplesmente um valor de figuração paisagística, que não são apenas para encher e deliciar os olhos, mas com poder nítido de expressão, dando um carácter mais acentuado de violência, de ansiedade, ou de quietude ao enredo humano, num ritmo que prende e emociona.

Do princípio ao fim, o filme desenrola-se sob uma atmosfera mórbida e aliciente, dando-nos cada cena completamente integrada na acção, umas cheias de humanidade, outras plenas de lirismo.

E aí está o que torna difícil mencioná-las, pelo seu grande número, pelo grande espaço que tomariam e porque não sabemos a quais dar a preferência—se todas elas são vibrantes e magníficas.

O assunto é adaptado do romance de Dostoiéwsky. Dmitri tem uma noiva. Precisa de dinheiro e do consentimento de seu pai para se casar. E parte um dia a encontrar o seu progenitor que se acha loucamente enamorado duma galante jovem. Dmitri procura então esta, para frizar-lhe o absurdo de tal amor. Dá-se entre ambos uma cena excepcional: ele, procurando convencê-la a deixar o seu velho e decrepito pai; ela tentando seduzi-lo. Venceu a mulher. E Dmitri passa a ser um escravo da beleza dessa mulher tentadora, esquecendo tudo, a noiva e a própria honra. Leva uma vida de sobressalto e de louco ciúme. As cenas seguintes são violentas e conservam uma profundidade dramática que choca. O que se passa naquela espécie de «cabare» onde Dmitri vive momentos loucos de amor, com Gruchenka, dando largas à sua furiosa paixão pela amada de seu pai, sob a excitação do crime, é inolvidável e constitui uma das mais belas passagens de *Os Irmãos Karamazoff*. A música aqui, como aliás em todo o filme, é um grande actor, dominando com extraordinária inspiração, debaixo da esperta e talentosa direcção de Fedor Ozep. O acompanhamento musical não é um mero passa-tempo; toma parte na «vida» desta película e segue cadenciadamente o drama, ajudando poderosamente a sua manifestação psicológica.

Técnicamente, a montagem visual, para-lamente com a sonora, acha-se feita com uma firmeza merecedora dos maiores elogios. A fotografia é nítida, recortando as figuras e os objectos com relevo. Há a notar também ângulos acertados. A interpretação é um dos mais notáveis elementos deste filme tão equilibrado. Fritz Kortner desempenha a figura primordial da acção—Dmitri. E na composição desse personagem concentrou toda a força do seu estófo de artista.

Figura humana, consciente, sob o impulso duma paixão brutal que o atormenta até ao desespero.

Anna Sten é Gruchenka impetuosa e sensual, leviana e apaixonada, o pómo do conflito.

Sai-se sóbria e ajudada por um rosto lindo e encantador.

Fritz Rasp num papel de aspecto imbecil, continua a sustentar o seu nome justamente adquirido em papeis mais ou menos antipáticos. Não são porém estes os únicos apreciáveis. Há muitos outros cujos nomes ignoramos, patenteando-se actores de mérito, porque em cada figurante Fedor Ozep soube arrancar as expressões e atitudes convenientes à estrutura desta sua produção.

«Os Irmãos Karamazoff», como digo, é um filme de grandíssimo valor que deve ser visto por todos os cinéfilos.

OS FILMES QUE NÓS VIMOS

E a estes, peço especialmente para observarem com atenção a concordância musical com as imagens

Ao ver esta produção, mais lamento agora que «O Cadáver Vivo» deste cineasta russo nunca tenha sido projectado nos cinemas desta cidade.

J. A. DA C.

Trindade—Os Seis Misteriosos.

O filme de «gangster» está agora tomando vulgaridade e prendendo as atenções das plateias. O cinema conta dois padrões, bem levantados neste género e que difcilmente serão suplantados. Quero referir-me ao «Club 73» de I. Cummings na velha modalidade do cinema mudo e às «Ruas da Cidade» de Moulouian sob a técnica hodierna.

«Os Seis Misteriosos» sendo uma produção bem acabada, dirigida por George Hill com os requisitos indispensáveis aos filmes desta especialidade, não sobrepassa, é claro, as duas citadas. Vê-se todavia com agrado e admira-se muito especialmente a interpretação de Wallace Beery actor de incontestáveis qualidades. Surge-nos agora como um terrível bandido, na sua boçalidade costumada que por vezes diverte o público.

O filme mostra-nos uma vez mais a tremenda influência dalgumas quadrilhas de contrabandistas americanos e a falta de respeito que aquêles tem pela vida alheia. Mata-se quasi com a mesma facilidade com que um menino nas horas vagas se entretem a matar mósas. «Os Seis Misteriosos» são altas individualidades que se unem para exterminar esses bandos de malfeteiros que infestam a cidade e muito especialmente o de Scorpio (W. Beery) cuja acção se torna funesta e insuportável.

Os nossos ouvidos vivem debaixo do constante matraquear dos revólvers-metralhadoras e os olhos assistem á frieza com que se mata qualquer pessoa. Poder-se-há reprovar ao filme isto um pouco exagerado e metragem um bocadinho de mais. Mas, George Hill pretende certamente atrair a simpatia com essas cenas constantes de tiro e perseguições. E eu não duvido que o consiga.

A cena da perseguição em automóveis da quadrilha de Colino á de Franks é bem feita e impressionante. Além de Wallace Beery na interpretação que é extraordinária, há Lewis Ston e Clark Gable, John Miljan, John Mac Brown, Paul Hurst, Ralph Bellamy e Marjorie Rambeau, dignos de apreço. Jean Harlow é que não passa duma pálida actrizinha. Nem em «Anjos do Inferno» nem aqui consegui dar-nos ainda qualquer trabalho mostrando-a á altura da fama que lhe crearam.

Esperemos... a vêr se vem algo onde ela se mostre mais satisfatoriamente, num papel que lhe permita ser artista com preponderância.

J. A. DA C.

Rivoli—Anny na escola.

O Carl Lamac, nos últimos tempos, andava furiosamente ciumento, pelo facto da Anny Ondra beijar, com demasiado fervor, os galãs dos seus filmes. Tivera a intenção de advertir a esposa, mas receioso de que ela lhe fizesse alguma partida—conhece-lhe a força!—não se atreveu; pensou em suprimir, dos seus futuros argumentos, todas as passagens em que a protagonisia fôsse obrigada a oscilar os seus parceiros, mas, lembrando-

-se do público, que exige sempre muitos beijos em primeiro plano, teve de abandonar também essa ideia. Depois de muito haver congeminado, só encontrou uma maneira fácil de evitar os ciúmes terríveis: foi ter com Mac Fric e propôs-lhe a direcção do novo filme que tinha em vista e no qual ele iria dar a réplica a Anny. Fric aceitou como bom o argumento apresentado pelo seu coléga, de pretender estudar as suas possibilidades como actor—e a trama ficou concertada.

Anny na escola, áparte a novidade do espôso da azougada artista no «cast», não apresenta nada de novo. Não é nem melhor nem pior que os filmes anteriores de Anny Ondra.

O género começa a maçar pela insistência e pela nenhuma renovação de processos. Anny também não é artista de recursos...

N. C.

Raparigas de Uniforme

(Conclusão)

Os caracteres das personagens estão admirável e sinteticamente descritos.

A directora, que logo de início se esquivava a receber a tia da educanda e que mais tarde quebra a sua linha rígida, correndo a receber Sua Alteza, essa directora que personifica, desde a sua maneira de andar, altiva e petulante, à bengala comprida e direita como eia, até ao ranger irritante dos sapatos, a disciplina que impõe às suas internadas; a sua imediata (não sei bem como lhe hei-de chamar) sempre encolhida, a cabeça entre os ombros, as mãos unidas sobre o peito, um untuoso e hipócrita; essa figura formidável de Manoela, a jovem cuja sensibilidade não foi dominada pela severa disciplina, marcada logo na convulsão de choro que a ataca á entrada para o internato; a professora inteligente e bondosa, ralhando por vezes para em seguida chamar as alunas e as aconselhar carinhosamente; a professora francesa, bem latina, maliciosa, rindo quando as outras se conservavam hirtas—são figuras que não se esquecem.

* * *

Leontine Sagan, a genial realizadora de *Raparigas de Uniforme* é um nome que todos os que se interessam inteligentemente pelo cinema não devem esquecer.

Fixem também o nome de Dorothea Wieck, Hertha Thiele e Emilia Unda, três artistas colossais.

* * *

Raparigas de Uniforme vai ser exibido no Porto.

Confrange-me a ideia de que possa ser recebida com a mesma indiferença boçal com que o foram algumas obras geniais como *A Mãe*, *Assim é a vida* e *A Tragédia da Mina*.

Que todos vão vêr este filme. E que não se julguem ridículos se os seus nervos vibrarem fortemente e se os olhos se embaciarem. E' a prova de que compreenderam e sentiram bem esse espantoso drama que é *Raparigas de Uniforme*.

Lisboa, Dezembro, 1932.

FERNANDO BARROS.

INVICTA-CINE

Solicita correspondentes em todas as localidades onde ainda não se encontra representada

DA VIDA CINEGRÁFICA

Charlie Chaplin de novo enamorado

O romance entre Charlie Chaplin e Paulette Goddard, de que «Invicta-Cine» já se fez eco num dos seus recentes números, prossegue.

Paulette, que é uma lourinha ainda desconhecida para nós, estreou-se há pouco tempo ainda nas comédias burlescas de Hal Roach para a M. G. M. e teve, desde logo, a admiração do extraordinário cineasta, que começou a cortejá-la com entusiasmo crescente.

Os dois têm sido vistos ultimamente por toda a parte, nos campos de jogos, em clubs, demonstrando uma amizade que não pretendem esconder aos olhos de ninguém e que, sem dúvida, trará por consequência, um novo matrimónio para o mago da tela.

Recentemente, Paulette teve que partir para New York, por algum tempo e Charlie ofereceu-lhe um jantar de despedida, em companhia de alguns amigos últimos.

«Foi uma reunião brilhante» — dizem. «Chaplin mostrou-se alegre, brincalhão, cheio daquêlles entusiasmos antigos. Não se viria nunca tão feliz! Mas, com o passar das horas, com a aproximação do momento em que Paulette deveria tomar o avião para New York, Charlie voltou a representar aquêlles últimos «chase-up» maravilhoso de Charlie em «Luzes da Cidade». Lembra-se?»

«Os seus olhos perderam o brilho dos momentos alegres, toldaram-se suavemente e uma onda de tristesa os enevoou por momentos».

«Quando o avião estava prestes a partir, uma limusine quebrou o silêncio da madrugada, no aeroporto. Dela desceu um vulto envolto num amplo sobretudo e de chapéu de côco, no qual era fácil reconhecer Chaplin. Desceu também a figurinha deliciosa de Paulette. Despediram-se em silêncio, Charlie viu-a subir para o aparelho e olhava-a com olhos tristes. Mas, Paulette voltou novamente. Abraçou-o com efusão e beijou-o longamente... Poucas pessoas foram testemunhas dessa cena...»

«Quando o avião desapareceu no horizonte, uma figura triste, cheia de máguia, pesarosa, ainda acenava com a mão...»

* * *

Que Chaplin está de novo enamorado — não pode restar quaisquer dúvidas, do que acima fica transcrito. Consorciar-se-á? Eis a notícia que os seus milhões de admiradores aguardam com interesse e curiosidade manifestada.

Charlie não foi feliz no seu matrimónio anterior, tendo, mais de uma vez, de recorrer aos tribunais americanos para liquidar questões pendentes com sua esposa e ainda há pouco tempo o vimos de novo perante a justiça, lutando contra a que foi sua mulher a propósito do direito que lhe cabe, de não permitir que os dois filhos dêse matrimónio abracem a carreira de artistas do écran, antes de atingirem a maioridade.

Será Paulette Goddard, enfim, a alma gémea que o grande filósofo da tela tem procurado com insucesso?!

Charlie vai fazer — é quasi certo — a devida experiência...

Esperemos pois, pelo resultado e augeremos que Paulette não seja uma lourinha perigosa como tantas... — N. C.

A namorada do mundo regressa

Depois de um longo período de descanso, Mary Pickford regressa á actividade cinematográfica, como protagonista de «Shantytown», uma história escrita especialmente por Frances Marion, autora célebre de um elevado número de cenários.

A namorada do mundo, cuja reaparição os «fans» aguardam com interesse, escolheu para seu companheiro nêsse filme James Cagney, um novo galã que está causando furor em Hollywood.

O homem olvidado

O presidente eleito dos Estados Unidos da América do Norte, Franklin D. Roosevelt, criou esta frase, que foi como que uma espinha nas carnes do partido contrário: «O homem olvidado», referindo-se á grande massa que foi esquecida pelos que se encontram no poder.

A Columbia Pictures está preparando um filme cujo argumento se baseará nessa frase.

Ninguém teme aventurar-se

James Murray, o artista que protagonizou «A Multidão», de King Vidor, empreendeu duas vês a viagem de New York a Hollywood com o fim de entrar para o cinema. Na primeira vez foi a pé, unicamente com seis dólares no bolso, mas fracassou. Na segunda viagem partiu com setenta dolares e ao chegar á capital do filme teve a boa sorte de conseguir um lugar, sendo hoje um dos bons actores da tela. O seu êxito não foi devido a suborno, pois pouco lhe restava dos setenta dolares com que partira para a cidade das ilusões... e dos iludidos!

Apesar dos insucessos de milhares e milhares de pretendentes que anualmente aportam á Cinelandia, o entusiasmo não arrefece nunca e o homem não vacila em sujeitar-se continuamente ás mais duras provas, para obter um pequeno papel que lhe permita conquistar um dia uma posição de destaque e desafiadora.

O homem, enquanto vive, tem sempre uma esperança e não será, já agora, o fracasso de muitos, que o impedirá de aventurar-se também.

Um filme de D. W. Griffith

O encenador D. W. Griffith é incontestavelmente um dos grandes mestres do cinema, um dos criadores poderosos cujo nome ficará ligado á história da cinematografia.

Não é, pois, de admirar que a actividade desde director interesse a todos os cineastas em alto grau, tanto mais que cada uma das suas obras apresenta, na sua concepção e na sua execução, a marca da sua personalidade inconfundível.

Griffith é um animador de ideias audaciosas, que tem levado á tela alguns fortes problemas sociais e filosóficos com a pujança e o vigor que qualquer cineasta lhe invejaria. Vocês recordam-se de «Intolerância», êsse formidável filme que foi uma lição e que trouxe para o cinema ensinamentos poderosos e inusitados?!

O novo filme de Griffith vai ser apresentado brevemente. «The Struggle» é um drama comovido sobre a proibição do alcool nos Estados Unidos, ao qual as recentes transformações politicas darão um carácter de actualidade e um relêvo extraordinário.

Robinson Crusoe... Moderno

Se, entre todos os artistas da tela há algum capaz de fazer reviver a lenda e a aventura legendárias, Douglas Fairbanks é incontestavelmente, o que mais se evidencia nêss: encarnação de heróis antigos.

Depois de têr sido d'Artagnan, Robin dos Bosques, Zorro e Pirata Negro, não estaria indicado que viesse a reviver para o cinema, as aventuras de Robinson Crusoe, êsse sêr romântico, cuja história Daniel de Joê contou ás crianças? Sem dúvida!

Ninguém melhor do que êle po leria evocar aos nossos olhos êsse homem solitário, lutando no fundo da floresta virgem, nenhum outro actor poderia aproximá-lo de nós.

Douglas Fairbanks fez de Robinson Crusoe, sêr de lenda... um herói de aventuras, forte, cavalheresco e corajoso.

Vocês verão! Em «Robinson Crusoe», que foi realizado nas ilhas Hawai, Douglas é secundado por Maria Alba, uma nova artista que está causando certo furor.

Uma nova versão de «Raspoutine»

A Metro-Goldwyn-Mayer está terminando a realização duma das mais extraordinárias das suas produções para a próxima temporada. «Raspoutine», de que Conrad Veidt é o protagonista no filme europeu do mesmo titulo, é interpretado pelos três irmãos Barrymore, que se reúnem pela primeira vez numa interpretação. Ethel, a irmã mais velha, fa nosa nos teatros newyorkinos, faz a sua estreia no fonofilm.

Vocês, lembrar-se-ão ainda, provávelmente, do tempo em que ela trabalhou para o cinema silencioso.

Os três irmãos vivem os papeis principais dêsse romance, pleno de sombras sinistras — a vida do monge negro. A czarina é representada por Ethel, Lionel interpreta Raspoutine e John o arquiduque. Tad Alexander, um pequeno admirável, encarnará o czaravitch.

A direcção dêste filme está a cargo de Richard Boleslavsky, um russo autentico, que deve saber reproduzir bem os costumes e ambientes da sua terra.

Jean Harlow a dos cabelos de platina

Ao lado de Clark Gable e Mary Astor, Jean Harlow está terminando o papel de protagonista em «Red Dust», em realização nos estúdios da M. G. M. A entrada no «set», foi proibida a qualquer visitante. A-pesar do grande escândalo que o suicidio de Paul Bern causou, Jean nada perderá do seu contrato. Ela continua a receber as mais altas atenções de Louis de Mayer e de Irving Thalberg, os altos «executives» da Metro, que a destinam a grandes papeis e a grandes filmes. A M. G. M. vai fazer dela uma das figuras mais cintilantes do seu quadro de grandes estrêlas.

Uma frase de Duhamel

Em «Les Annales» encontramos a seguinte frase de Georges Duhamel, que não resistimos á tentação de vos traduzir: «O que o publico quer? Mas, Senhor! a única coisa de que tem grande necessidade, a coisa que a arte verdadeira lhe dá e sempre lhe deu: humanidade, humanidade, humanidade, porque o homem só se interessa pelo homem, ou, melhor, por quanto é humano».

UM FILME QUE VAMOS VER NO AGUIA D'OURO

UMA HORA CONTIGO

Realização de Ernst Lubitsch

= PERSONAGENS =

Dr. André Bertier . . . Maurice Chevalier
Colette Bertier . . . Jeanette MacDonald
Mitzi Olivier . . . Genevieve Tobin
Adolph . . . Charlie Ruggles
Professor Olivier . . . Roland Young
Mademoiselle Martel . . . Josephine Dunn
O detective . . . Richard Carle
A criada de Mitzi . . . Barbara Leonard
O comissario de policia . . . George Barbier

ARGUMENTO

O Dr. André Bertier, facultativo de Paris, é casado e vive num céu de delicias. Sua esposa, a linda Colette, dedica ao marido a mais profunda afeição, que se traduz em beijos e sorrisos.

Um dia, porém, diz a esposa ao marido:—André, sabes quem vem amanhã passar o dia connosco?— Não sei; quem é? pergunta-lhe elle. —E' Mitzi, uma minha amiga de

infancia. Has-de gostar dela, André. Mitzi é tão interessante...

Na manhã seguinte, sai o Dr. Bertier a comprar flores e como chuvesse torrencialmente, mete-se num taxi. Ao parar em frente á casa da florista, mete-se tambem no carro, acoçada pela chuva, uma rapariga elegantissima, possuidora de um sorriso simplesmente irresistível. Embora o carro estivesse ás ordens do Dr. não seria ele, que em caso tal, fosse deixar uma senhora tão bonita caminhar sob aquele aguaceiro, podendo ambos ir no carro. Para lhe fugir aos olhares tentadores, Bertier põe-se a ler o jornal

Que opina o senhor do plano russo, pergunta a desconhecida ao médico.

—Eu não acredito em planos... responde André.

—Nem eu tampouco; deixo tudo para o momento...

—Senhoral! Veja que eu sou casado!

—Cavalheiro! Veja que eu tenho marido...

Bertier reconhece que está metido numa enrascada dos demonios e antes que a tentadora mulher o tenha subjugado aos seus desejos, manda parar o carro e salta.

—Você ha de pensar que eu sou covarde!—exclama Bertier ao despedir-se da desconhecida.

Quando o médico chega a casa, já lá está a esperada amiga de sua esposa. E ao ser-lhe apresentada, qual não é o seu espanto ao ver em Mitzi a sua tentadora companheira do taxi!

* * *

No dia seguinte a esposa do



ANO X
N.º 185
Porto, 10--Dezembro--1932

INVICTA CINE

SEMANÁRIO — DE — CINEMATOGRAFIA

REDACÇÃO: — Rua Bela da Fontinha, 14-A

PORTO — PORTUGAL

Director: Roberto Lino — Propriedade: Emp. Invicta Cine

Visado pela
C. de Censura

Comp. e Imp.—Diário do Porto

EDITOR
João Soutinho de Oliveira
ADMINISTRADOR
Joaquim A. Teixeira
COLABORADOR ARTISTICO
Fernando Lacerda

REDACTORES
J. Alves da Cunha
Fernando Barros
Emilio Loubet
Novais Castro
C. Vasconcelos

Professor Oliver, isto é, a mesma Mitzi que já conhecemos, chama o Dr. Bertier ao telefone: Está muito doente, precisa que o Dr. a vá ver imediatamente... E' a própria Colete quem recebe a chamada, e informada da saúde da amiga, insiste com o esposo que vá receitá-la. André desconfia dessa subita doença, mas como a mulher faça questão, ele decide-se a ir.

Mitzi, tal como André pensava, não tinha nada... Queria apenas conquistar o marido da sua amiga — esporte muito do seu gosto. Mas a meio da palestra, chega o Professor Olivier, seu marido. André fica encafifado, quasi sem um desculpa. Ha a escusa da doença, mas o Professor conhece bem a esposa que tem para acreditar nessas mentiras...

Entretanto, como o que o Professor procura é o divorcio, o encontrar um estranho na alcova da esposa dá-lhe antes alegria do que pesar.

* * *

O baile que Colete oferecera ás suas amigas estivera animadissimo. Tudo correrá magnificamente bem, excepto por uma pontinha de ciúmes de André, ao vê-lo todo atencioso com Mlle. Martel, mas, na verdade, isso não passava de ilusão de Colete. Se André se fizera atencioso com aquela linda conviva, fôra apenas para fugir ás repetidas tentações de Mitzi, que não o deixa descançar. Terminada a festa, quando estão todos a despedir-se, á porta do palacete, em chegando a vez de Mitzi, diz esta ao medico:

—Boa noite, doutor... A festa esteve soberba... (E quasi ao ouvi-

do de André, para não ser percebida dos outros): —Espero-te na esquina, num taxi, daqui a cinco minutos...

André recusa-se; ela dá dez minutos de prazo, quinze minutos, e por fim êle promete.

Ao recolher-se com Colete, começa a espôsa a lamentar-se por causa das atenções de André com Mlle. Martel. O marido desculpa-se, que não ha razão para suspeitas... Que se fôsse com Mitzi... vá lá!...

—Mitzi é a minha melhor amiga; respeita-me. Dela não desconfio... murmura Colete toda chorosa. Nesse instante, ouve André a busina do taxi. E' Mitzi que o chama.—Pois bem, diz êle á mulher, se insistes em me acusares do que nunca pratiquei, vou-me embora para a rua, ameaça André.

—Pois vá! Queres ir encontrar-te com Mlle. Martel, não é? Pois, vá!

André não espera por outro sinal. Desce as escadas amuadamente, e Colete, ao vêr a sua decisão, procura detê-lo, mas não o consegue...

* * *

Dias depois, muito cedo, pela manhã, André recebe a visita do professor Olivier. O pacatissimo marido de Mitzi traz a «folha corrida» das ações de sua mulher, catalogadas pelo detective que o Professor contratara para a vigiar. André puxa pela habilidade e dá muitas desculpas, mas não pode negar a criminosa visita á casa do Professor naquela noite, depois da festa. Obtida a confissão de André, o marido de Mitzi avisa-o de que vai divorciar-se dela dando-o a êle, André, como causa.

Quando o Professor está para sair, vem Colete á sala. Pergunta pela amiga, que, segundo o marido, tinha ido para Lausane, para a casa da mãe, e ao despedir-se o cavalheiro, diz Madame Bertier para o marido:

—André, o meu instinto feminino está a avisar-me de que ha algo de misterioso no marido de Mitzi. Aposto em como êle a descobriu com algum homem... Sim, deve haver um «amorzinho» de furto em tudo isso... Já sei, André, deve ser o pintor Rodovski!

—Deus queira que seja Rodovski... suspira André sem poder levantar a vista para a mulher...

E ela, enlaçando-o afectuosa:

—Se fosses tu eu eu nunca te perdoaria, André...

—Que idea, filha! Tu és a unica Colete... Só amo a ti...

—Vê como te portas! Náda de namoros com Mlle. Martel!

—Só amo a ti, querida...

Em Bruxelas, foi apresentado o primeiro desenho animado soviético — A Rua

Diz-se que o ritmo dêste filme é uma renovação agradável dum género que já ía caíndo na indiferença

Uma das mais notáveis produções da First National foi concluída— «20.000 anos em Sing-Sing» inspirada no grande filme «O Presidio». E' da autoria de Lewis Lawes director da célebre prisão das margens do Andson. Intérpretes: Spencer Tracy e Bette Davis.

BONUS

Oferecido aos leitores da INVICTA pelas Ex.ªs Empresas dos Cinemas:

AGUIA D'OURO

50 % de desconto em todos os lugares na matinée de 17 de Dezembro de 1932.

OLYMPIA

50 % de desconto em todos os lugares nas matinées dos dias 15 ou 17 de Dezembro de 1932.

ODEON

50 % de desconto nos lugares de Fauteuilles e Balcão no dia 17 de Dezembro.

As crianças que por ventura forem acompanhadas do portador deste BONUS, não têm direito a entrada gratuita.

CASTELO LOPES,

LIMITADA

a firma detentora dos me-
lhores filmes europeus e
americanos

ANUNCIARÁ

dentro em pouco os
grandes filmes que
constituem a sua se-
gunda lista de produ-
ções a distribuir em
1932-33



Os senhores exibidores
da provincia teem todo
o interêsse em não pre-
encher as suas datas
sem conhecerem os
filmes de

CASTELO LOPES,

LIMITADA